

1. Rodrigo Sanches (fl. c. 1530)

Carta de Rodrigo Sanches a João Rodrigues de Sá

R. SAN. IOANNI R. SÁ, VIRO ET LITTERIS ET NATALIVM
SPLENDORE CLARISSIMO, S.

Viris litterarum gloria claris, tam est solemne uel ab iis quos nec norunt nec uiderunt umquam epistolas accipere, ut purgandum habeam potius quod ad te tam sero scribam, quam quod scribam. Etenim quum nemo fere apud nos sit paulo humanior qui tibi, tamquam litterarum militiae primario duci, nomen non dederit, merito ego ignauus miles possum haberi, qui tamdiu id facere distulerim, quod ceteri omnes non libenter modo, se certatim etiam fecere.

Verum huiusmodi cessationis culpam in quiduis potius aliud quam in uoluntatem meam iure possum transferre. Nam ubi primum pauca quaedam scripta tua sum nactus, uelut ex unguibus (quod aiunt) leonem aestimans, ita sum ingenium tuum ac eruditionem admiratus singularem, ita blanda dictionis illectus mollitudine, ut nihil iampridem optarim ardentius quam aliquam mihi dari occasionem, qua me tibi commode possem et honeste insinuare. Sed innatus quidam mihi et peculiaris pudor, quem ego saepe mecum soleo damnare, quod uel ad honesta mihi uiam praecludere uideatur, obstitit semper, quod uerebar oppido ne fortasse importunus salutator accederem.

Ceterum, ubi superioribus diebus, eximium saeculi nostri ornamentum Ioanna Vaz, non modo feminarum doctissima, sed uiris etiam doctissimis merito coaequanda, amplam et honorificam humanitatis tuae, non litterarum modo, apud me habuit mentionem, ausus sum, rustico illo pudore reiecto, has ad te litteras dare, quae uelut anteambulones, ad futurum tecum mihi congressum uiam muniant et comitatus tuae nobis fores aperiant. Accessit huc, quod quum, diebus abhinc paucis, insti-

tuendae D. Mariae principis, iubente Rege, prouinciam susceperim, inter ceteras primates uirgines, quas optimi Regis nostri prudentia filiae comites ad bonas litteras perdiscendas uoluit adhiberi, Menesia tua uel in primis electa est. Quae tanta auiditate id studii genus amplectitur, tam deperit efflictim, ut appareat facile, litteratissimi hominis esse filiam, quae litteras tam ardentem amet. De cuius ego ingenio, indoleque mirabili, nihil in praesentia dicam, ne uidear aut blandiri parenti, quid filiam laudem, aut falli, quod eam unice diligo et obseruo.

Et quoniam te hoc nomine, quodam modo, mihi obstrictum esse intelligo, audebo nunc iam et sperare pertinacius et petere confidentius, ut quanto tam ingens eruditionis, honoris et gloriae ex consuetudine tua nobis fiet accessio, nos in tuorum numerum uelis pro humanitate tua libenter ascribere. Nam et si ueteribus amicis tuis, opibus et eruditione, longe sim impar, certe animi gratitudine ac perpetua tua obseruantia praestabo ut ne te tanti in me beneficii collati unquam poeniteat. Vale.

Carta de Rodrigo Sanches a João Rodrigues de Sá

[Rodrigo Sanches a João Rodrigues de Sá, varão Ilustríssimo por Letras e pelo Esplendor do Nascimento, Saúde.

Aos varões ilustres pela glória das Letras é tão habitual receber cartas, mesmo daqueles que não conhecem nem jamais viram, que mais tenho que desculpar-me eu de te escrever tão tarde, do que de te escrever.

Com efeito, quase não havendo alguém entre nós um pouco mais cultivado que a ti, como chefe da milícia literária, não dê o seu nome, com razão posso ser tido por soldado remisso, eu que por tanto tempo dilatei fazer aquilo que todos os outros não só fizeram com gosto mas até à compita.

Todavia, a culpa deste meu lapso posso justificadamente transferi-la para outra coisa que não a minha vontade. É que, ao encontrar pela primeira vez alguns escritos teus, avaliando, como diz o provérbio, o leão pelas garras, admirei de tal forma o teu engenho e erudição singular, fiquei tão seduzido pela suavidade do teu estilo, que nada desejei com maior ardor do que encontrar ocasião propícia e decente de me relacionar contigo.

Mas um acanhamento, muito meu, que a sós comigo costume condenar com frequência, porque me parece barrar o caminho até para situações honrosas, sempre me impediu, uma vez que eu muito temia aparecer, por ventura, como um cortejador importuno.

Entretanto, quando há dias Joana Vaz, ornamento raro do nosso século, não apenas a mais douta das mulheres, mas até digna merecidamente de ser igualada aos varões mais doutos, me falou com demora e elogio da tua esmerada educação, que não consiste apenas no conhecimento das letras, eu ousei, pondo de parte aquele rústico pudor, escrever-te esta carta. Será ela uma espécie de escudeiro enviado adiante para me preparar o caminho de um futuro encontro contigo e me abrir as portas da tua gentileza.

Veio juntar-se a isto que, tendo eu há poucos dias assumido, por ordem do Rei, o encargo de ensinar a princesa D. Maria, entre as meninas da nobreza que o nosso excelente Soberano, na sua prudência, quis que fossem companheiras da filha no aprendizado das boas letras, foi escolhida, logo entre as primeiras, a tua Meneses. E ela abraça este género de estudos com tanta avidez, por eles se apaixona com tal entusiasmo, que bem se vê ser filha de homem muito letrado quem tão ardentemente ama as letras.

Sobre o seu talento e admirável inclinação, nada direi por agora, para não parecer que lisonjeio o pai nos louvores à filha ou que não sou imparcial, porque só a ela estimo e considero. E uma vez que bem compreendo que, por esta minha ocupação, ficas de certa maneira ligado a mim, ousarei daqui por diante esperar com mais constância e pedir com maior confiança que, proporcionando-se, de futuro, graças a este conhecimento, tão grande acréscimo para mim, de erudição, honra e glória, tu queiras incluir-me de boa mente, no número das tuas relações, como é próprio da tua amabilidade. De certo, ainda que eu esteja longe de comparar-me com os teus velhos amigos, em recursos e erudição, ao menos em gratidão e permanente devoção a ti, hei-de salientar-me por forma a que jamais te arrependas do favor que me fizeste. Adeus.]

Américo Costa Ramalho, «Carta a João Rodrigues de Sá», *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, INIC — Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, 1985, pp. 156-159.

2. [Baltasar Dias?] (fl. c. 1540)

Carta a uma Senhora, que queria aprender a ler

Senhora,

Agora me deram um recado de parte de vossa mercê em que me pedia lhe mandasse um ABC, feito de minha mão, que queria aprender a ler, porque se acha triste quando vê senhoras de sua calidade, que na Igreja rezam por livros, e ela não: verdadeiramente folgo, que deseje saber ler para rezar, que é bom. Porém já que o não aprendeu na meninice em casa do senhor seu pai com seus irmãos, deve agora contentar-se com as contas, pois não sabe ler, e por elas rezando muitas vezes a saudação Angélica, que o Anjo disse à Virgem nossa Senhora, e a oração do Pater noster, que Cristo Nosso Senhor ensinou a seus Discípulos é tão bom, e basta tanto, que não há mais que desejar, nem melhores orações que rezar: e certo estas tem ventajem a todas. Vossa mercê deve usar delas, e deixar o desejo de saber ler, pois já é casada, e passa de vinte anos de idade. Porém se este conselho não lhe parece bom, ou ainda que o é, se a não satisfaz, por obedecer a seu rogo, fazendo o que me pede lhe mando aqui com esta um ABC, que vossa mercê aprenda de cor, e sabido levemente com ajuda de Deus aprenderá o mais que lhe for necessário.

O qual, é que o A, quer dizer que seja amiga de sua casa. E o B, Bem quista da vizinhança. E o C, Caridosa com os pobres. E o D, Devota da Virgem. E o E, Entendida em seu ofício. E o F, Firme na Fé. E o G, Guardosa de sua fazenda. E o H, Humilde a seu marido. E o I, Imiga de mixiricos. E o L, Leal. E o M, Mansa. E o N, Nobre. E o O, Onesta. E o P, Prudente. E o Q, Quieta. E o R, Regrada. E o S, Sezuda. E o T, Trabalhadeira. E o V, Virtuosa. E o X, Xpã. E o Z, Zelosa da honra. E quando tiver tudo isto anexo a si, que lhe fique próprio, creia que sabe mais letras que todos os filósofos. E porque

confio em vossa mercê que o exprimentará e achará certo, não me alargo: mas rogo a nosso Senhor a tenha de sua mão, e a mim me dê graça com que o sirva. Em Lisboa, a três de Abril de 1570 anos. Graças a Deus.

[Gonçalo Fernandes Trancoso], «Conto XX. Que he hua Carta do Autor a hũa senhora, com que acaba a primeira parte destas historias & contos de proveito e exemplo», *Historias & Contos de Proveito e Exemplo*, s. l. n. d. [1575].